

Teresa Simão

A EVOLUÇÃO DO ENSINO NAS FREGUESIAS DE SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS E BEIRÃ

(Separata)

Memórias
das Freguesias
de Santo António
das Areias e Beirã

IBN MARUÁN – Rev. Cultural de Marvão
N.º Especial 2021, ISBN 978-989-566-040-7,
ISSN 0872-1017, Lisboa, 2021, pp. 241-264



ابن مروان
IBN MARUÁN
Revista Cultural do Concelho de Marvão

100
95
75
5
0

Título

**Memórias das Freguesias
de Santo António das Areias e Beirã**
(Número especial 2021 da Revista «IBN MARUAN»)

Edição

Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação

Jorge de Oliveira (CHAIA / Univ. de Évora)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus
autores

Design gráfico

Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

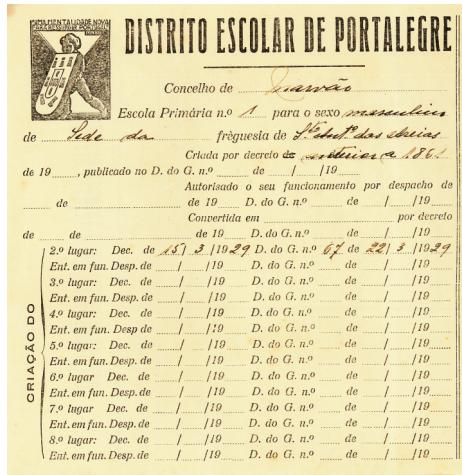
Depósito legal n.º 479 986/21

ISBN 978-989-566-040-7

ISSN 0872-1017

Marvão, Março de 2021

100
95
75
25
5
0



instituição nas freguesias de Santo António das Areias e Beirã ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. Muitas mudanças se operaram desde então. Inicialmente o ensino só chegava aos mais abastados. Com a obrigatoriedade do ensino primário, foi-se estendendo a uma faixa mais alargada e a diversas aldeias, mas só com o 25 de abril de 1974 se verificou uma verdadeira democratização do ensino.

A freguesia de Santo António das Areias, devido ao desenvolvimento económico que a marcou ao longo do século XX, cedo sentiu necessidade de ter como oferta também o segundo ciclo do ensino básico, na altura ministrado através da telescola, e não se pouparam esforços para o efeito. O mesmo sucedeu com a implementação de uma creche e de um infantário.

Anos mais tarde, com a construção da Escola Básica Dr. Manuel Magro Machado, a oferta foi alargada ao terceiro ciclo do ensino básico, inclusive com educação de adultos.

Atualmente, à semelhança do que se passa em muitos locais do interior de Portugal, as freguesias de Santo António das Areias e Beirã debatem-se com uma reduzida taxa de natalidade, cada vez os alunos são menos, há muito que fecharam as escolas nas aldeias e algumas valências outrora existentes na de Santo António também já deixaram de existir. Na verdade, vivem-se dias de incerteza quanto ao futuro do ensino neste território.

1. Breve evolução do ensino em Portugal

Ao pretendermos apresentar a evolução da escola na parte norte de Marvão, não podemos deixar de enquadrar o tema e apresentar uma breve resenha da evolução do ensino em Portugal. Para o efeito, tivemos como principal fonte de consulta a obra de Acácio Parreira, Dionísio Cebola e José Conde, *O Ensino Primário do Distrito de Portalegre (Subsídios para a sua história)* (1).

A EVOLUÇÃO DO ENSINO NAS FREGUESIAS DE SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS E BEIRÃ

Passados mais de duzentos anos desde a implementação do ensino público no concelho de Marvão, pretendemos fazer uma breve resenha do desenvolvimento da

Longe vão os tempos em que existiam somente as escolas episcopais e monásticas, as quais se dedicavam somente à preparação de futuros elementos do clero. Com a ascensão da burguesia, houve uma tentativa de promoção cultural dessa classe através da instrução e o alargamento desta a outros públicos. Assim, o ensino deixou de se circunscrever às sés e aos mosteiros, passando a ser ministrado também na corte, em casas da nobreza e da burguesia. Posteriormente estendeu-se às casas dos mestres e às primeiras escolas municipais. Seguiram-se os colégios dos Jesuítas, o que alargou um pouco mais o público beneficiado, mas falamos de um contexto ainda muito distante daquele que se viveu depois da democratização do ensino.

No século XVIII, com a introdução dos ideais iluministas, começou finalmente a ser implementada a instrução popular. Assim, a 06 de novembro de 1772, surgiu a Carta de Lei pombalina que dava origem ao ensino primário oficial. Nessa altura, no distrito de Portalegre, havia quatro comarcas (Portalegre, Elvas, Avis e Crato) e, dos sete mestres afetos ao concelho de Portalegre, um deles lecionava em Marvão (2). No entanto, embora houvesse mais alguns meios, a maioria do povo encarava a escola como um entrave ao trabalho e não era muita a adesão.

O final da era pombalina levou a um retrocesso no domínio da instrução; no período das lutas entre liberais e absolutistas não houve avanços, pois, se os primeiros eram a favor, os segundos eram contra.

Em 1844, foram dados novos passos com vista a uma tentativa de incremento da instrução em Portugal; Costa Cabral implementou uma reforma que aumentou o número de instituições escolares, incluiu as escolas mistas e obrigava os pais a mandar os filhos instruir-se, sob pena de multa, o que foi muito contestado pelos progenitores.

Outras medidas foram surgindo, mas, no que toca à instrução, cem anos depois da criação do ensino oficial, Portugal continuava na cauda da Europa. Uma forma de o aferirmos é que no nosso país havia uma escola para 1100 habitantes, quando em Espanha havia uma para 600.

No início do século XX, antes da proclamação da República, só 29% dos portugueses e 15% das portuguesas sabiam ler, ou seja, para um letrado havia quatro analfabetos (3).

A instabilidade da Primeira República não foi propícia ao desenvolvimento do ensino em Portugal. Com o Estado Novo verificaram-se avanços, mas assistiu-se a um sistema em que os jovens alunos, por norma, eram formatados.

Em 1950, 20,3% das crianças não frequentavam a escola. Por isso, a partir de 01 de outubro de 1957, foi decretada a obrigatoriedade da instrução primária somente para os menores do sexo masculino. Só em 1961 essa medida se estendeu também às meninas.

Na fase final do Estado Novo, em 1971, no período marcelista, foi posta em prática a reforma de Veiga Simão, a qual visava uma maior igualdade de oportunidades na educação a vários níveis.

Após o 25 de abril de 1974, surgiram várias campanhas de alfabetização e também se verificou uma maior preocupação com as instalações escolares. Ainda assim, segundo o INE, em 1979, 23% da população com mais de 15 anos era analfabeta.

Atualmente o panorama é bem diferente, a taxa de analfabetismo desceu radicalmente. Segundo os censos de 2011, apenas 5,2% dos portugueses não sabe ler nem escrever.

Apresentado um breve resumo da evolução do ensino em Portugal, não podemos concluir este subcapítulo sem abordar a relação pedagógica professor/aluno e as mudanças que nela se operaram com o passar dos anos.

Longe vão os tempos em que a profissão de professor era valorizada e o "Senhor Professor" ou a "Senhora Professora" eram elementos muito conceituados na sociedade portuguesa. À medida que avançávamos na segunda metade do século XX, esse estatuto foi-se perdendo e as regras de educação também foram sofrendo alterações. Antigamente os pais chegavam à escola a deixar os seus filhos e era usual dizerem: "Fica aqui o meu filho, agradeço-lhe a atenção que lhe dedicar e faça dele o que quiser.". Havia também um enorme respeito dos alunos em relação aos professores, aqueles não ousavam desafiar os seus mestres e a sua palavra era para cumprir. Se alguns docentes o conseguiam simplesmente graças à sua *autoritas*, uma grande parte recorria a castigos, essencialmente físicos, que deixaram muitos dos seus discípulos marcados para sempre.

Ao falarmos com vários elementos da população de Santo António das Areias e da Beirã a este respeito, quer os homens quer as mulheres relembraram diversos episódios de agressões na escola. Se uns eram motivados por alguma tentativa de irreverência, a maioria era devida às dificuldades de aprendizagem. Ai do discente que não soubesse, "na ponta da língua", as tabuadas ou qualquer outro conteúdo que fora ministrado. Logo a régua, o ponteiro ou outro objeto que estivesse à mão eram usados, muitas vezes cometendo excessos, a fim de tentar "educar/ensinar" os jovens.

Nessa altura, para além da violência física, também havia alguns abusos de autoridade. Vários informantes nos relembraram situações em que professores mandavam os seus alunos apanhar e colher azeitona, bem como castanha e bolota. Ora, nos meses de outono e inverno, em vez de estarem na sala de aula, eventualmente aquecida, a aprender conteúdos, as crianças eram forçadas a trabalhar debaixo da intempérie e ai daquele que reclamasse.

Hoje-em-dia o panorama é bem distinto; há muito que terminaram esses excessos e os objetos de agressão citados já não são utilizados, passaram a ser considerados diferentes ritmos de aprendizagem, distintas necessidades educativas, mas nem sempre os alunos sabem aproveitar todas as oportunidades que os docentes lhes proporcionam e os pais sabem reconhecer o seu esforço. Pelo contrário, alguns discentes ainda desafiam a autoridade do professor e revelam uma profunda falta de educação, não sendo devidamente admoestados pelos seus

progenitores em casa, atitudes que, sem dúvida, perturbam o sucesso das aprendizagens. Na verdade, muito no ensino evoluiu para melhor, mas, no capítulo do saber ser e do saber estar, há diversos aspectos a aperfeiçoar.

2. Evolução do ensino primário na zona norte de Marvão

Ao investigarmos a evolução do ensino na parte norte do concelho de Marvão, tivemos como principais fontes escritas as obras de Dionísio Cebola (5) (ex-diretor escolar) e deste em coautoria com Acácio Parreira (inspetor da região escolar de Portalegre) e José Conde (professor de História) (5). Recorremos ainda a diversos testemunhos orais, entre eles os professores primários Clara Pestana Forte de Oliveira e Jorge Forte de Oliveira, Alzira Semedo Picado e antigos funcionários e alunos de diversas idades.

Segundo o estudo de Acácio Parreira (6), com base no recenseamento escolar de 1932/33, havia no concelho de Marvão 15 professores em funções e 12 edifícios escolares. Desses, 8 docentes dedicavam-se ao ensino masculino, 6 ao feminino e 1 ao ensino misto. As crianças recenseadas eram 814 (416 meninos e 398 meninas), embora apenas 519 estivessem matriculadas no ensino primário. Os alunos da zona norte estavam distribuídos da seguinte forma:

- Beirã: 46 meninos e 29 meninas, ensinados por 2 professores e 1 professora;
- Santo António das Areias, sede: 87 meninos e 82 meninas, ensinados por 2 professores e 1 professora;
- Santo António das Areias, Barretos: 27 meninos e 28 meninas, ensinados por 1 professor e 1 professora;
- Santo António das Areias, Cabeçudos: 20 meninos e 22 meninas, ensinados por 1 professor e 1 professora.

Passados cinquenta anos, no ano letivo de 1981/82, voltamos a ter acesso a um estudo detalhado da evolução do ensino no distrito de Portalegre, desenvolvido por Dionísio Cebola e publicado em PARREIRA et al (7). Este dá-nos conta dos edifícios escolares então existentes, das suas condições e de como estava distribuída a comunidade escolar. Nesse ano, existiam no concelho de Marvão 16 escolas.

Com o passar das décadas, a taxa de analfabetismo no concelho tem acompanhado a tendência do país, embora ainda se mantenha um pouco acima da média nacional. A tabela e o gráfico que incluímos em seguida dão conta dessa evolução nos últimos quatro censos (8):

	1981	1991	2001	2011
Portugal	18,59%	11%	9%	5,2%
Marvão	34,75%	27,17%	21,8%	12,47%

Fig. 1: Tabela sobre a evolução da taxa de analfabetismo em Portugal e Marvão

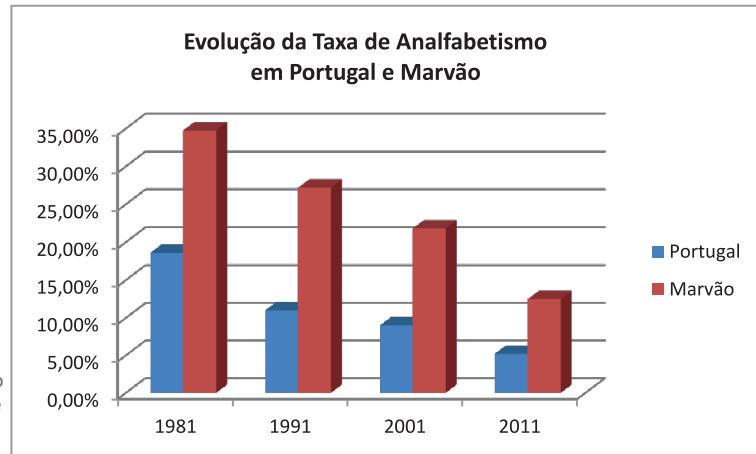


Fig. 2: Gráfico relativo à evolução da taxa de analfabetismo em Portugal e Marvão

Apresentado um panorama geral, passamos, agora, a uma exposição mais detalhada da evolução da instrução nas diversas aldeias e lugares da zona norte de Marvão.

2.1. Santo António das Areias

Segundo Dionísio Cebola (9), a primeira escola de Santo António das Areias data de 1854, sendo José António Torres Botelheiro o primeiro professor aí exercer funções. Já existia escola em Marvão, mas os acessos à vila eram muito difíceis, quanto mais para crianças.

Entre 1878 – 1885, havia somente escola masculina, sendo o docente Porfírio da Encarnação Gomes (10).

Em 1892/93, lecionavam Joaquim António d' Oliveira e João José Magalhães. O primeiro exerceu funções em Santo António das Areias durante trinta e cinco anos, por isso, no dia 20 de junho de 1926, foi homenageado e atribuíram o seu nome à rua onde morava.



Fig. 3: Desfile no dia da homenagem a Joaquim D'Oliveira. Na frente é transportado o seu retrato, o qual durante muitos anos permaneceu na escola (20 de junho de 1926)



Fig. 4: Joaquim D'Oliveira passando revista a um grupo de jovens

Nos anos 30, 40 do século XX, no quadro de professores, havia dois lugares masculinos e um feminino.

Até à década de 50, a escola masculina funcionava num edifício camarário, no antigo largo do posto da Guarda Fiscal, atual Praça de Olivença. Nesse local

situa-se agora a sede da Junta de Freguesia de Santo António das Areias. A determinado momento, o edifício escolar estava tão degradado que motivava algumas peripécias por parte dos alunos. Por exemplo, aproveitando os buracos do soalho, alguns urinavam para o rés-do-chão, sujando assim os tabuleiros que o senhor Benigno Raposo usava no mercado e que arrumava nos baixos da casa.

Já a escola feminina, criada em 1903, localizava-se na rua por trás da masculina, num prédio particular, sito na Rua Padre Fortunato Pequito, propriedade de José Luís Forte Ramilo. Domingas Cândida Sainz Monteiro foi a primeira docente que aí exerceu funções.



Fig. 5: Escola masculina de S. A. das Areias



Fig. 6: Escola feminina de S. A. das Areias

Em 1915/16, estavam matriculados na freguesia 104 rapazes. Como entretanto abriram escolas nas localidades de Cabeçudos e Barretos, diminuíram os discentes na sede.

Dados do recenseamento escolar de 1956/57 dão conta de 57 rapazes e 53 raparigas em S. A. das Areias.

Na década de 60 do século XX, a criação de várias indústrias na freguesia levou a um incremento da população e também a uma maior frequência escolar. Isso, aliado ao facto de os edifícios anteriormente citados não apresentarem as melhores condições para espaços escolares, motivou a construção de novas instalações, situadas à entrada da localidade, no sítio da Fonte da Vala. Assim, a partir de 1961, a escola passou a funcionar no edifício escolar do tipo Plano dos Centenários, até aos dias de hoje, embora com algumas ampliações. Na altura, existiam três salas. Mais tarde, houve um aumento, passando o edifício a ter quatro. Agregada à escola surgiu a cantina escolar, a qual depois também virá a ser ampliada.



Fig. 7: Escola primária de S.A.A (11)



Fig. 8 e 9: Ampliação da escola primária de S.A.A (12)

No ano letivo de 1961/62, exerciam a docência Joaquim Forte de Oliveira, Clara da Conceição Pestana Forte de Oliveira e Maria Amália do Carmo Baptista. Durante as décadas de 60 e 70, foram criados e extintos lugares de professores, consoante a afluência dos alunos.



Fig. 10: Turma de 1956/57, com a professora Clara de Oliveira (13)

De notar que, até ao 25 de abril de 1974, aos sábados de manhã, os rapazes tinham também aulas da Mocidade Portuguesa. Aí aprendiam a marchar e a manusear armas de madeira. Os mais abastados usavam a devida farda, mas a maioria não tinha dinheiro para tal.

No ano letivo de 1981/82, exerciam funções na escola os docentes Clara Forte de Oliveira, Jorge Forte de Oliveira, Maria da Conceição Cotão e Maria Filomena Calado. Nesse ano, davam apoio à docência as senhoras Isabel Canelas e Catarina da Costa.

Em 1988/89, os discentes eram 47 rapazes e 34 raparigas, ensinados por um professor e três professoras.



Fig. 11: Cartão distribuído no dia da homenagem

Em 1988, aposentaram-se Jorge de Oliveira e Clara de Oliveira. O casal de docentes foi homenageado por antigos alunos, colegas e amigos. Da comissão organizadora faziam parte Maria Teresa Machado, Alzira Picado, Brízida Miranda, José F. Boto, Joaquim Delgado, Dionísio Nunes e Dinis Alegria. A cerimónia teve lugar no dia 2 de julho e começou com uma sessão solene, houve missa, um almoço e foram ainda entregues algumas lembranças.

Ao longo das décadas, para além dos já citados, vários nomes dinamizaram o ensino primário em Santo António das Areias, entre eles, José Domingos de Oliveira, João Monteiro, Liberdade Lusitana Correia, Alice Carvalhão, Maria Elvira Lopes, António Silva, João Pires, Lurdes Marmelo, Carminda Silvério, Fernanda Mouro, Rui Atanásio, entre muitos outros.

2.1.1. A cantina escolar

Com o surgimento de diversas fábricas e o aumento de crianças, na década de 50, houve necessidade de criar uma cantina escolar para proporcionar o almoço aos alunos mais carenciados de Santo António das Areias. Para o efeito, o benemérito João Nunes Sequeira doou à junta de freguesia o bairro que fica em frente à atual escola, com a condição de o valor das rendas ser entregue, em partes iguais, às duas futuras cantinas, uma localizada em Santo António e outra na Herdade do Pereiro



Fig. 12: Foto do bairro em frente à atual escola

Até ser construída a nova, a cantina de Santo António funcionava no Centro de Obra das Mães (14), localizado em frente à Casa do Povo, onde esteve sediado o Fortificar Marvão.



Fig. 13: Meninas que frequentavam a Obra das Mães

A primeira diretora do Centro foi Almerinda Amador Ribeiro. Seguiu-se uma senhora de Santa Eulália, também ela de nome Eulália. Mais tarde, assumiu a direção Idalmira Duque da Silva, que foi a principal dinamizadora da instituição e a dirigiu até à sua extinção.

No que diz respeito às refeições, a cantina chegou a fornecer uma média de cem por dia. Estas eram confeccionadas pela diretora e por algumas funcionárias, auxiliadas por colaboradores, tais como Manuel Vaz Filipe Telo, Clara de Oliveira, Joaquim Forte de Oliveira...

Como foi referido, com a doação de João Nunes Sequeira ficavam garantidos os fundos para a construção das cantinas. Para além disso, contou-se com cotas de alunos, um subsídio do Governo Civil e alguns donativos. O presidente da Câmara Municipal de Marvão da altura (Dr. Manuel Magro Machado) e o da Junta de

Freguesia de Santo António das Areias (Joaquim Mendes) assumiram a responsabilidade de construir o edifício, o qual era contíguo à escola existente na altura. Assim, a cantina foi criada a 07 de janeiro de 1956. A sua primeira cozinheira foi Cesaltina Cebolas. Seguiu-se Isabel Cebolas Ribeirinho e, mais tarde, Conceição da Silva Salgueiro.



Fig. 14: Cantina escolar de Santo António das Areias

Posteriormente, para dar resposta a uma cada vez maior procura, a cantina teve de ser ampliada. De notar que, apesar de ter ficado definido que as rendas do bairro social serviriam para a garantir, com o acréscimo de crianças, esse dinheiro tornou-se insuficiente e muitas vezes era complicado conseguir comprar os bens alimentares para dar resposta a todas as necessidades.



Fig. 15: Ampliação da cantina escolar (15)

2.1.2. A creche

Como atrás citado, o desenvolvimento industrial que caracterizou Santo António das Areias durante um período gerou uma necessidade crescente de mão-de-obra, logo, um aumento da população residente e a existência de mais crianças. Como os seus progenitores tinham de trabalhar, não havia resposta social para acolhê-las e muito se ansiava pela criação de uma creche. Aliás, um projeto que os jovens do G.D.I.C. (Grupo de Dinamização Cultural de Santo António das Areias) vinham defendendo.

Assim, no ano letivo de 1975/76, surgiu um serviço equiparado, promovido por Jorge de Oliveira e José Boto. Na altura, para que pudessem ingressar no ensino superior, os alunos tinham de cumprir um ano de serviço cívico estudantil. Então, estes dois rapazes da terra propuseram criar e dinamizar uma espécie de "creche" para as crianças que ainda não tinham idade para frequentar o ensino primário. Esta iniciativa funcionava no edifício da cantina escolar, quer de manhã, quer de tarde. As atividades cessavam à hora do almoço, altura em que, no mesmo espaço, eram servidas as refeições aos vários alunos.

Entre muitas outras iniciativas que desenvolveram, os jovens realizaram uma pintura mural que durante bastante tempo ilustrou a escola.



Fig. 16: Pintura mural de Jorge de Oliveira (1975)

2.2. Cabeçudos

O incremento de alunos na década de 40 levou a que fosse criado um posto escolar misto nos Cabeçudos, em julho de 1947. Este funcionava na antiga mercearia, no Largo de Nossa Senhora da Conceição. Segundo um estudo de 1950, nesse ano a professora era Maria Ana Calha Conchinha.

Do recenseamento escolar de 1956/57 constavam 23 rapazes e 20 meninas. Entre 1956 e 1961, estes foram ensinados por Fátima Martelo.

Só em 1961 a escola passou a funcionar num edifício escolar do Novo Plano, com uma só sala, propriedade da câmara municipal. Por aqui passaram como docentes Alzira Picado, Ana Maria, entre outros. Em 1981/82, lecionava nos Cabeçudos Clementina da Conceição Realinho.

A 13 de dezembro de 1985 foi suspensa a escola.

Atualmente, no antigo edifício escolar, funciona a sede da Associação de Caçadores Fonte da Viola.



Fig. 17: Antiga escola primária dos Cabeçudos



Fig. 18: Sede da Associação de Caçadores, antiga escola primária dos Cabeçudos

2.3. Beirã

A primeira escola masculina foi criada a 02 de junho de 1905 e arrancou a 07 de outubro do mesmo ano. Coube ao professor Hermenegildo Joaquim Bengala a titularidade desse posto escolar. Inicialmente funcionava no primeiro piso de uma casa na rua Dr. João da Câmara. Segundo António de Mattos Magalhães (16), desde a sua abertura, todos os anos realizavam uma festa escolar na segunda-feira de Páscoa. Na altura, não havia muitos entretenimentos na Beirã e esse convívio representava um marco importante para as crianças e suas famílias, havendo momentos muito emotivos.



Fig. 19: Edifício escolar da Beirã

Em 1912, Pimenta Freire (17), numa obra dedicada à estação termal da Fadagosa, refere a existência de duas escolas na Beirã, uma pública e uma privada, mas não conseguimos saber onde se localizava a escola privada e como funcionava.

A partir de 28 de março de 1918, passou a ser usado um novo edifício escolar na Avenida Dr. António Mattos Magalhães. Este tinha duas salas e duas moradias anexas. Na parte norte funcionava a escola masculina e na sul viria a existir a feminina. O projeto foi traçado por Adães Bermudes, mandado construir por Mattos Magalhães e foi entregue à Câmara Municipal de Marvão.

Em 1922, foi criado um posto feminino cuja docente era Maria Judite Vidal Garção. Ao longo dos anos surgiram novos postos escolares e foram suspensos outros, conforme a evolução da população escolar. Na década de 50, lecionaram na Beirã Joaquim de Oliveira, Hermínia Silva, Maria Chambel e Maria Ana de Matos. No ano letivo de 1956/57, havia 48 rapazes e 51 raparigas. Em 1965, passou a haver apenas uma escola mista. Em 1981/82, lecionava na Beirã a docente efetiva Maria de Lourdes Ventura, apoiada pela auxiliar Conceição Felino. Em 1983, e por quatro anos, exerceu funções o professor Coelho. Em 1988/89, só restavam 6 rapazes e 12 raparigas. Neste período, exerceceram aí docência os professores Ana, Arminda Dias, Carlos, Lurdes Farinha, Julieta Garraio.



Fig. 20: Grupo de alunos da década de 80 (Em baixo, da dir. para a esq.: Nuno Rosado, Cristina Martins, Vera Alexandra Gaspar, Maria da Graça Viegas, Miguel António Miranda, Carla Nunes, Luís Miguel Gaspar, Miguel Eduardo Sobreiro. Atrás, da dir. para a esq.: Lurdes Abelho, Susana Carapeto, Carla Mouzinho, Marta dos Remédios, Sandra dos Remédios. Atrás, da dir. para a esq.: Patrícia Nunes, André Costa, António João Pires, Cristina Magro. Em cima, da dir. para a esq. Auxiliar Conceição Felino, Professora Arminda Dias, aluna Vicência.)

Nos últimos quatro anos, lecionaram na Beirã as professoras Lúisa Meio Tostão, Cristina Ventura e Ana Lopes. Em 1999, no último ano, havia apenas duas alunas, Maria do Carmo Viegas e Clara Vitorino, logo, não era viável a escola permanecer aberta. As alunas ingressaram no 5º ano e a discente Ana Lopes e a funcionária Conceição Felino foram também transferidas para Santo António das Areias.

Além das já citadas, muitas outras docentes ficaram na memória dos seus alunos, nomeadamente, Joaquina Rosado, Rosa, Amélia, Clarisse Quezada, Maria da Conceição Carita...

2.4. Herdade do Pereiro

A 12 de abril de 1940, foi criado um posto escolar duplo, junto às casas dos trabalhadores da herdade. A primeira professora foi Hermínia Rosa Ceia. O edifício onde funcionava a escola, no fundo, era uma casa de habitação que foi destinada para esse fim; tinha uma sala de entrada, onde decorriam as aulas,



Fig. 21: Bairro residencial da Herdade do Pereiro, edifício onde funcionou a escola

provinham da mercearia do Sr. José Maria Gavancha, existente nas Termas da Fadagosa, outros eram comprados em S. A. A. ou em Portalegre, de onde vinham as professoras.



Fig. 22 e 23: Cantina escolar do Pereiro

Em 1974, foi extinto o posto escolar e criada uma escola. A partir de outubro de 1979 passou a ser usado outro edifício, de tipologia Rural 3, propriedade da câmara municipal. Este proporcionava aos alunos e professores excelentes condições, que contrastavam radicalmente com o espaço da escola antiga e que ficaram na memória de todos.

Em 1981/82, lecionava no Pereiro Maria José Lopes, apoiada pela auxiliar Maria da Costa Sérvo. Entretanto passaram por lá muitas outras docentes, entre elas, Alzira Semedo Picado (18), Benilde, Maria Joaquim Sobreira, Maria do Rosário Diogo, Hermínia Lopes Camejo, Maria Silvina Seia...

A escola foi suspensa em 28 de agosto de 1987. Nesse ano letivo, lecionava a professora Teresa Travassos e havia somente sete alunos. Os quatro de quarto ano seguiram para o segundo ciclo e os outros foram integrados na escola da Beirã.

seguida de uma cozinha e de um quarto, que serviam para usufruto das professoras e auxiliares que lá optavam por morar. Neste espaço funcionava ainda o berçário, cabendo à senhora Emilia cuidar das crianças.

Em 1956/57, frequentavam a escola 13 rapazes e 9 raparigas.

Na Herdade do Pereiro, desde 1963, os jovens alunos contavam com uma cantina escolar, patrocinada por João Nunes Sequeira. Alguns dos produtos aí consumidos

100
95
75
25
5
0



Atualmente os edifícios onde outrora funcionaram a escola e a cantina são usados pela Associação de Caçadores de Santo António das Areias.

Fig. 24: Escola do Pereiro, atual sede da Associação de Caçadores

2.5. Barretos

O ensino básico começou a ser ministrado nos Barretos a 06 de maio de 1941, num posto escolar misto, numa casa na Rua de Nossa Senhora das Dores, tendo como docente Maria José Carrilho Nunes.

Entretanto foi construído um edifício escolar do tipo Plano dos Centenários, propriedade da câmara municipal, o qual começou a funcionar em 1951.



Fig. 25: Escola primária dos Barretos



Fig. 26: Atual Centro Cultural e Recreativo dos Barretos, antiga escola primária

Em 1956/57, estudavam nesta escola 19 rapazes e 22 raparigas.

Em 1981/82, a docente era Lígia Maria Almeida Borges.

Nos Barretos lecionaram diversos professores, entre eles Maria Vitória Amador Garcia (de Castelo de Vide), Alzira Semedo Picado, António José Freire, Teresa Monraia...

Em 1988/89, havia na aldeia somente 5 rapazes e 8 meninas. A partida de residentes em busca de melhores condições de vida e a quebra da natalidade levaram ao encerramento da escola no ano letivo de 1992/93, indo as crianças desde então para Santo António das Areias.

O antigo edifício escolar passou a funcionar como sede do Centro Cultural e Recreativo dos Barretos (fundado a 10 de janeiro de 1993), no qual funciona essencialmente um café, havendo, esporadicamente, algumas atividades desportivas.

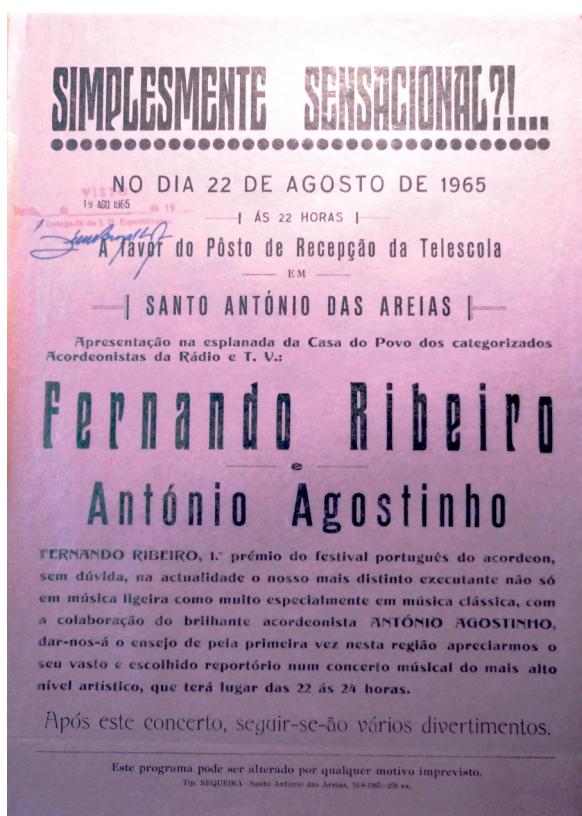
3. A Telescola/ Segundo Ciclo

A 31 de dezembro de 1979, com o Decreto-Lei nº538/79, foi proclamada a universalidade, obrigatoriedade e gratuitidade dos seis primeiros anos de ensino básico (19). Desde então, foram surgindo novas instituições de ensino para o efeito e, no início, muitos foram os locais improvisados para que aí funcionassem as telescolas.

No caso concreto da zona norte de Marvão, a telescola surgiu muito antes de ser obrigatória a sua frequência, no ano letivo 1965/66. Na altura, a indústria e o comércio locais estavam em alta e muitos eram os argumentos que justificavam o arranque desse tipo de ensino em Santo António das Areias. Para a sua implementação muito contribuiu a ação do Dr. Manuel Magro Machado. Como inicialmente não havia um espaço próprio, as atividades escolares começaram por funcionar no salão da Casa do Povo de S. A. das Areias.

Para angariar verbas para a sua implementação surgiram diversas iniciativas, como foi o caso de uma atuação de acordeonistas da Rádio e da TV, em 1965.

Coube ao professor Leonel Martins ser o primeiro a orientar os alunos no novo sistema de ensino. Sempre que este não podia estar presente, era substituído pela docente Alzira Picado.



Inicialmente as aulas funcionavam das 14:00h às 18:00h, havendo depois uma redução do horário. Segundo alguns professores da época, os conteúdos eram semelhantes aos lecionados nas escolas preparatórias, apenas apresentados de forma diferente. As aulas eram dadas através da televisão e cabia aos docentes presentes explicar e reforçar o que fora ensinado. No final do segundo ano, os alunos eram submetidos a um exame de final de ciclo realizado em Portalegre.

Este sistema de ensino era acompanhado de perto pelo inspetor escolar, que todos os meses se deslocava ao local para vistoriar o trabalho que estava a ser desenvolvido.

Fig. 27: Programa do espetáculo de acordeonistas

Nos primeiros anos, as turmas eram muito grandes e heterogéneas no que respeita a idades, uma vez que ingressavam na telescola os discentes que tinham concluído a quarta classe recentemente e muitos outros que antes não tinham tido possibilidade de prosseguir estudos e que, havendo essa oferta na terra, regressaram à escola.

Por norma, a exigência que caracterizava o ensino primário levava a que os alunos obtivessem bons resultados no segundo ciclo. Alguns dos primeiros professores que lecionaram nesse sistema afirmam-no e lamentam que muitos deles não tivessem tido oportunidade de avançar mais nos estudos por dificuldades económicas.



Fig. 28: Turma da Telescola de 1969/70 com a professora Maria Vitória



Fig. 29: Turma da Telescola em frente à Casa do Povo

Entretanto surgiu a necessidade de construir um espaço próprio para a telescola. Assim, na sequência da dádiva do terreno pelo senhor José Maria Bôto, várias iniciativas surgiram a fim de angariar fundos para a sua construção, entre elas, um Festival Taurino, realizado no dia 18 de agosto de 1968. Para o efeito, vários lavradores da região contribuíram com gado e o espetáculo também foi

abrilhantado pelo grupo musical Mistério. A receita desse evento destinava-se na íntegra à construção do referido edifício.

Em 1969, como ainda faltavam muitos recursos para a construção da Telescola, a Comissão de Melhoramentos lançou uma carta-circular a toda a população no sentido de angariá-los. Como se pode ler nela, tudo era bem-vindo, desde dinheiro, a materiais de construção, a mão-de-obra.

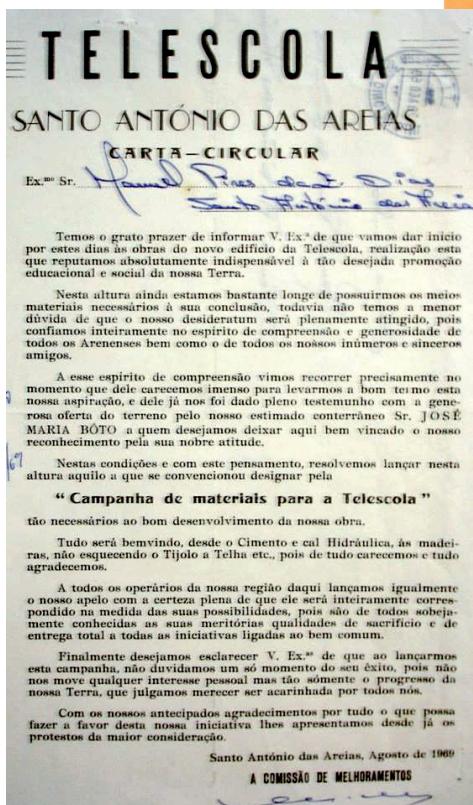


Fig. 31: Carta-circular enviada à população em 1969



Fig. 30: Programa do Festival Taurino de beneficência

As expectativas dos membros dessa comissão não saíram defraudadas, a população aderiu em peso, cada um com o que podia dar. Em 1972, o novo edifício da Telescola passou a ser uma realidade, dispondo de uma sala de professores/funcionários, 3 salas de aula e uma casa de banho mista.



Foto 32: Edifício da telescola

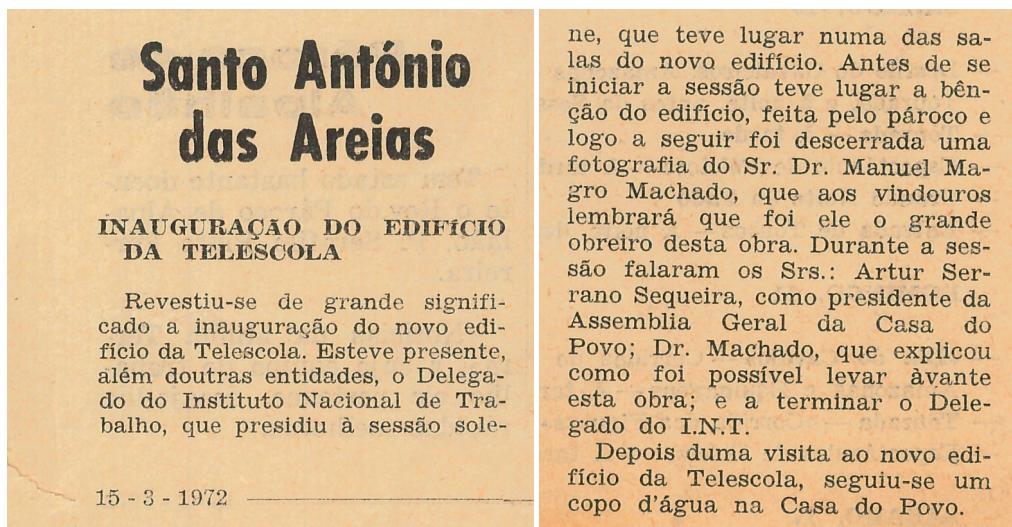


Fig. 33: Notícia da inauguração da Telescola (20)

Os anos foram passando, muitos alunos e professores passaram por essa instituição. Sabemos que no ano letivo de 1981/82 (21), no primeiro ano, estavam matriculados 41 alunos e, no segundo, 30. As aulas eram orientadas pelas professoras Ana da Conceição Leitão, Fernanda Vaz da Silva e Teresa Pires Travassos. Outros docentes marcaram a história deste sistema de ensino em Santo António das Areias, entre eles: Maria Vitória, José Miguéns, Fátima, Berta, João de Deus, entre outros.

Quando concluíam o segundo ciclo, os alunos que podiam prosseguir estudos tinham duas opções. A maioria fazia-o na Escola Garcia de Horta, em Castelo de Vide, onde podia estudar até ao nono ano. Outros optavam pela Escola Mouzinho da Silveira, em Portalegre.

4. A Escola Básica Integrada com Jardim de Infância Dr. Manuel Magro Machado

A Escola Básica Integrada com Jardim de Infância Dr. Manuel Magro Machado foi criada pela Portaria n.º 846/92, de 1 de setembro de 1992, e localiza-se em Santo António das Areias, onde antes já existia a escola primária e a cantina. Arrancou em 1993, funcionando na altura como polo da Escola Garcia de Horta, em Castelo de Vide. Assim, havia uma grande dependência da sede, incluindo as verbas necessárias para o seu funcionamento eram levantadas no município vizinho. Nessa altura a escola arrancou apenas com o quinto ano de escolaridade e foi avançando sucessivamente até chegar ao nono.

Em 1993/1994, faziam parte do Conselho Diretivo José Xavier (presidente), Teresa Henriques (vice-presidente) e Alzira Picado. Posteriormente a direção passou a contar com mais um elemento, um representante do primeiro ciclo.



Fig. 34: Foto da Escola B.I. Dr. Manuel M. Machado

Seguiram-se outros conselhos diretivos, outros presidentes, entre eles, Manuel Graça.

Nesta Escola Básica Integrada passaram gradualmente a funcionar a pré, o primeiro, o segundo e o terceiro ciclos do ensino básico. Durante uns anos, aí tiveram lugar também cursos de dupla certificação para adultos (cursos E.F.A.) em horário pós-laboral.

O seu patrono é uma figura de destaque de Santo António das Areias, nomeadamente, o Dr. Manuel Magro Machado. Médico de clínica geral e dentista na terra, muitas foram as atividades desenvolvidas por si em prol do concelho, como por exemplo, presidente da Câmara Municipal de Marvão (1953-1960), provedor da Santa Casa da Misericórdia, presidente da Casa do Povo de S. A. das Areias... Para além de a escola ter o seu nome, também uma rua de Santo António lhe foi dedicada por iniciativa do executivo da junta de freguesia da altura, presidido por Joaquim Mendes. A sua inauguração teve lugar a 07 de maio de 1983.



Fig. 35: Foto da inauguração da rua Dr. Manuel Magro Machado

A escola conta com uma bandeira própria e um hino, que sempre é relembrado no dia do patrono, dia 27 de janeiro, data em que o Dr. Machado fazia anos.

Hino da Escola (22)

A Escola de Santo António
Tem um nome bem ditoso,
Tem um nome bem famoso
O Doutor Manuel Machado
Pelo povo admirado
Que lhe está no coração...
É da Escola o Patrono
Este Homem de eleição!

REFRÃO

Aqui tudo aprendemos
Se alguém queremos ser
Mas porém, o que devemos
É aprender a viver!

É pequena a nossa Escola,
Mas ela tem a missão
De nos dar mais luz à vida
E mais vida ao coração!...

Aqui nos sentimos bem,
Nesta Escola bem bonita,
E queremos à compita
Que ela seja um polo vivo
Com o Conselho Diretivo,
Alunos e professores,
Com os pais e empregados
Ela terá mais valores!

Refrão

Aqui tudo aprendemos
Se alguém queremos ser
Mas porém o que devemos
É aprender a viver!



Fig. 36: Celebração
do Dia do Patrono
em 2012

5. O Jardim de Infância e a Pré-escola

Com a Lei nº 5 de 01 de fevereiro de 1977 foi criado um sistema público de educação pré-escolar.

Em Santo António das Areias, apesar de o edifício já existir e estar mobilado pelo Instituto de Obras Sociais há três anos, o Jardim de Infância começou a funcionar somente em fevereiro de 1982. Da equipa inicial faziam parte a educadora Isabel e as auxiliares Ana Pinheiro e Teresa Pinheiro. Na altura arrancou apenas com uma sala e somente com crianças acima dos três anos.

Passado um ano, o Jardim Escola tornou-se propriedade do Estado e a educadora mudou, exercendo funções Conceição Mota.

Mais tarde, passaram a assegurar também a valência de Creche (para meninos com menos de três anos) e A.T.L.. Quando as fábricas ainda estavam em funcionamento, chegaram a atingir a lotação máxima, ou seja, 75 crianças.

Entretanto a Pré-escola passou a ser ministrada na Escola Básica Manuel Magro Machado, em 2000, e, em 2001, também o A.T.L. passou a ser assegurado pela Câmara Municipal de Marvão. Surgiu assim a Ludoteca, inicialmente no edifício do mercado e posteriormente a funcionar numa sala existente no largo da junta de freguesia.



Desde 2013 que o Infantário de Santo António das Areias é administrado pela A.P.P.A.C.D.M. e neste momento só funciona como Creche, sendo frequentado (à data da redação deste artigo) por 26 crianças.

Fig. 37: Infantário de S.A.A.

6. O Agrupamento de Escolas do Concelho de Marvão

O presente agrupamento foi constituído por Despacho do Secretário de Estado da Educação de 4 de junho de 2010. Integra a Escola Básica Integrada com Jardim de Infância de Ammaia, na Portagem, a escola sede, e a Escola Básica Integrada com Jardim de Infância Dr. Manuel Magro Machado, em Santo António das Areias, que passou a escola polo.

A comissão instaladora foi presidida pelo professor Carlos Castelinho. Logo que houve eleições para diretor, foi eleito José Maria Pires Gonçalves, o qual se mantém ainda em funções.

Fig. 38: Turma 9º A de S.A.A, ano letivo 2011/2012 (Em cima, da esq. para a dir.: Paula Silva, Laura Santos, Lídia Bonacho, Célia Vilhalva, Mafalda Machado, Andreia Miranda, João Nabeiro, Frederico Andrade, André Silva. Em baixo, da esq. para a dir.: Daniel Raposo, Rodrigo Maridalho, a professora Teresa Simão, Joel Vilhalva, Rafael Matos e Romeu Martins)



Na altura da formação do agrupamento, as duas escolas funcionavam com todos os níveis de ensino, mas, atendendo ao decréscimo de alunos, paulatinamente, o terceiro e segundo ciclos foram concentrados apenas na escola sede. Assim, no ano letivo 2019/2020, o Agrupamento de Escolas de Marvão tem matriculados 210 alunos, distribuídos do seguinte modo:

- 21 no ensino pré-escolar na Portagem;
- 34 no primeiro ciclo na Portagem;
- 25 no segundo ciclo na Portagem;
- 63 no terceiro ciclo na Portagem;
- 33 no pré-escolar em Santo António das Areias;
- 34 no primeiro ciclo em Santo António das Areias.

No que diz respeito à Escola Básica Integrada Dr. Manuel Magro Machado, em concreto, o pré-escolar é assegurado pelas educadoras Teresa Reis e Maria da Luz Sapage e o primeiro ciclo pelas docentes Ludovina Portilheiro e Isabel Ludovino.

7. O Ensino Doméstico

Segundo o artigo do jornal Expresso de 10 de novembro de 2018, intitulado "Ensino doméstico dispara em Portugal", esse ensino terá começado na Beirã em 2017 e, na data da publicação citada, frequentavam-no 5 crianças. A partilha de conhecimento decorria na antiga escola primária da Beirã, na rua António Magalhães, com o apoio da junta de freguesia local e da Câmara Municipal de Marvão. Contudo, essa modalidade de ensino (que ao princípio tanta polémica gerou no concelho) pouco mais tempo durou nesses moldes. Atualmente só há uma aluna inscrita no Agrupamento de Escolas de Marvão neste regime.

Bibliografia/ Fontes

CEBOLA, Dionísio (2001). *A Escola Primária no Distrito de Portalegre (Subsídios para a sua história)*. Nisa: Câmara Municipal de Nisa.

COSTA, António da (1900). *História da Instrução Popular em Portugal*. 2ª edição, Porto: António Figueirinhas.

FREIRE, A. Pimenta (1912). *Marvão – A Estação Thermal da Fadagoza. Época balnear de 1911 (Julho, Agosto e Setembro)*. s/a (1912). Lisboa: Centro Typ. Colonial.

MACHADO, J. T. Montalvão (1972). *No II Centenário da Instrução Primária (1772 – 1972)*. Lisboa: Edição do M. E.N..

PARREIRA, Acácio F. L., CEBOLA, Dionísio da Graça B., CONDE, José Martins S. (1983). *O Ensino Primário do Distrito de Portalegre (Subsídios para a sua história)*. Portalegre: Assembleia Distrital de Portalegre.

www.ine.pt

Fonte orais: diversos alunos, professores e auxiliares da zona norte de Marvão, Estrela Vidal

Fotos e imagens da autora, bem como de Jorge de Oliveira, Mila Mena, Piedade Bengala, Miguel Sobreiro, Manuel Pires Dias e José Coelho

Notas

¹ Cf. PARREIRA et al 1953.

² Cf. PARREIRA et al 1953, p. 11.

³ Cf. PARREIRA, p.16.

⁴ Cf. CEBOLA 2001.

⁵ Cf. PARREIRA 1983.

⁶ Cf. PARREIRA 1983, p. 54.

⁷ Cf. PARREIRA 1983, p. 109 – 166.

⁸ www.ine.pt

⁹ Cf. CEBOLA 2001, pp. 130-132.

¹⁰ De notar que este era a personagem Nascimento na obra *Os Velhos*, escrita por D. João da Câmara.

¹¹ Do lado esquerdo funcionava a escola dos rapazes e do direito a das raparigas.

¹² Do lado esquerdo, em cima e em baixo, funcionava a escola dos rapazes e, do lado direito, a das raparigas.

¹³ Como na altura não havia licença de maternidade nem infantários, a professora fora mãe em agosto e, logo em outubro, teve de continuar a exercer funções. Por isso, muitas vezes levava o seu menino para a escola, sendo auxiliada pelas alunas.

¹⁴ Designação abreviada de Obra das Mães pela Educação Nacional (O.M.E.N.).

¹⁵ Como para a construção da primeira cantina havia poucos recursos, quando foi necessário ampliá-la, chegou-se à conclusão que as estruturas existentes não suportariam acréscimos. Assim, optou-se por deitar tudo abaixo e fazer uma construção de raiz, como evidencia a foto que incluímos.

¹⁶ Cf. FREIRE 1912: 20.

¹⁷ Cf. FREIRE 1912: 19.

¹⁸ Esta professora permaneceu nesta escola apenas um mês, pois entretanto assumiu o cargo de Delegada Escolar.

¹⁹ Cf. PARREIRA, p.22.

²⁰ Notícia retirada do jornal "Notícias da Minha Terra", publicado a 15 de março de 1972.

²¹ Cf. PARREIRA et al, p.140.

²² Hino fornecido por Estrela Vidal. Data de 1998 e a letra original é da autoria de João Nunes Vidal. Posteriormente sofreu pequenas alterações.